



PÁTRIA DE TODAS AS PONTES

Hoje a bandeira sobe ao céu
e o Brasil recorda a liberdade.

Sete de Setembro.

Uma data escrita na História,
mas também uma pergunta
dirigida ao presente:

O que significa ser verdadeiramente independente?

É possuir fronteiras?
Ter uma bandeira?
Um hino?
Um território?

Sim.

Mas talvez seja também
muito mais.

Uma nação é feita de terra,
mas sobretudo de gente.

E o Brasil é imenso
não apenas porque seus horizontes
parecem não terminar.

É imenso porque dentro dele
cabem muitos mundos.

Há o verde das florestas,
a vastidão dos campos,
o silêncio das montanhas,
a força dos rios
correndo como veias
por um corpo continental.

Há mares,
cerrados,
sertões,



pampas,
matas e cidades.

Há riquezas escondidas no solo
e outras muito maiores
caminhando sobre ele.

Porque a maior riqueza de uma pátria
não está debaixo da terra.

Está em seu povo.

No trabalhador que desperta cedo.

Na mãe que educa.

No professor que semeia conhecimento.

No agricultor que confia a semente à terra.

No jovem que ainda acredita no futuro.

Naquele que divide o pouco que possui
quando percebe que alguém
possui ainda menos.

Há no coração brasileiro
uma capacidade bonita de acolher.

Somos uma nação formada
pelo encontro de muitos povos,
muitas culturas,
muitas histórias,

e talvez por isso saibamos,
apesar de nossas contradições,
abrir a porta,
puxar uma cadeira,
repartir a mesa
e dizer ao estrangeiro:

Senta conosco.

Isso também é grandeza.



Mas amar o Brasil
não significa acreditar
que apenas o Brasil importa.

Minha casa pode ser muito querida
sem que eu precise desprezar
a casa do vizinho.

Minha bandeira pode emocionar-me
sem que eu precise queimá-la
no coração de outro povo.

Posso amar profundamente
a terra onde nasci

e ainda reconhecer:

**antes de brasileiros, estrangeiros,
ricos ou pobres,
somos seres humanos.**

Talvez as fronteiras sejam necessárias
aos mapas e às nações,

mas não deveriam existir
dentro do coração.

Porque nenhum rio pergunta
a nacionalidade da terra
antes de atravessá-la.

Nenhuma nuvem apresenta passaporte
para levar chuva a outro país.

O vento desconhece fronteiras.

As aves atravessam continentes
sem compreender nossas divisões.

E o Sol,

quando nasce,

não ilumina uma nação primeiro
por considerá-la superior às outras.



Simplesmente ilumina.

Talvez haja nisso
uma lição para nós.

Durante séculos,
a humanidade levantou muros,

disputou terras,

conquistou povos,

explorou riquezas,

derramou sangue

para provar que uma bandeira
valia mais do que outra.

E quantas mães choraram
dos dois lados das fronteiras!

Porque a bala pode distinguir uniformes,
mas a dor não distingue nacionalidades.

A lágrima de uma mãe brasileira
tem o mesmo sal
da lágrima de qualquer mãe do mundo.

A fome não possui pátria.

A criança não escolhe
em que lado da fronteira nascerá.

E nenhuma alma deveria valer menos
porque nasceu sob outras cores.

Por isso, neste Sete de Setembro,
quero celebrar o Brasil.

Mas quero celebrá-lo
sem precisar diminuir ninguém.

Quero um Brasil soberano,



mas solidário.

Forte,

mas jamais opressor.

Próspero,

mas capaz de repartir.

Livre,

mas comprometido
com a liberdade dos outros.

Quero uma pátria
que não precise levantar-se
sobre os ombros de outra.

Que compreenda que a verdadeira grandeza
não está em dominar,

mas em cooperar.

Não está em conquistar povos,
nem em subjugar nações,

mas em realizar conquistas
que engrandecem a humanidade:

**vencer a fome,
superar a ignorância,
romper os ciclos da violência,
combater a injustiça
e transformar a indiferença
em solidariedade.**

Porque grande não é a nação
que faz outros povos se curvarem,

mas aquela que ajuda
seres humanos a se levantarem.

Talvez esta seja
a independência que ainda precisamos proclamar:



independência do ódio,
do preconceito,
da corrupção,
da intolerância,
da violência,
da ganância que transforma pessoas
em instrumentos de lucro,
e do egoísmo que nos faz acreditar
que podemos ser felizes
cercados pelo sofrimento dos outros.

Nenhuma nação será verdadeiramente grande
enquanto houver pessoas pequenas
pela falta de oportunidades.

Nenhuma bandeira estará plenamente erguida
enquanto houver alguém caído
que poderíamos ajudar a levantar.

E nenhuma independência estará completa
enquanto ainda formos escravos
de nossas próprias sombras.

Talvez a liberdade de uma nação
comece na consciência de seu povo.

Quando compreendemos
que liberdade também é responsabilidade.

Que direitos caminham com deveres.

Que cidadania não acontece apenas
nas grandes datas,
mas na honestidade cotidiana,
no respeito,
no trabalho,



na solidariedade,

na preservação da natureza,

no cuidado com aquilo
que pertence a todos.

A Pátria não é apenas
o chão que recebemos.

É também o país
que entregaremos às próximas gerações.

Por isso amo o Brasil.

Amo suas cores.

Sua diversidade.

Sua natureza exuberante.

Sua música.

Sua alegria.

Sua capacidade de recomeçar.

Amo sobretudo
essa esperança quase inexplicável
que tantas vezes ressurge
mesmo depois das dificuldades.

Mas talvez a melhor maneira
de homenagear minha Pátria

não seja dizer:

“Brasil acima de todos.”

Talvez seja dizer:

“Brasil ao lado de todos.”

Ao lado dos povos
que procuram a paz.



Ao lado de quem combate a fome.

Ao lado de quem protege a Terra.

Ao lado de quem acolhe refugiados.

Ao lado de quem transforma diferenças
em diálogo,

e fronteiras
em pontes.

Porque chegará talvez um tempo
em que a humanidade compreenderá

que nenhuma nação é uma ilha,
que respiramos a mesma atmosfera,
bebemos a água do mesmo planeta,
dependemos da mesma Natureza

e viajamos juntos
nesta pequena esfera azul
atravessando o Universo.

Então perceberemos:

há muitas pátrias,

mas uma só Terra.

Muitas bandeiras,

mas uma só humanidade.

Muitas línguas,

mas uma palavra
que todas as almas conseguem compreender:

Amor.

Neste Sete de Setembro,



que tremule nossa bandeira.

Que cantemos nosso hino.

Que honremos aqueles
que construíram esta nação.

Mas que nosso patriotismo
não termine na fronteira.

Que ele amadureça.

Que o amor pelo Brasil
nos ensine a amar também
a grande Pátria Humana.

E que um dia possamos dizer
com orgulho:

Somos brasileiros.

Somos livres.

Somos diferentes.

Mas não estamos separados.

Porque acima das fronteiras
que os homens desenharam,

existe uma verdade
que a Vida escreveu primeiro:

**somos todos irmãos
habitando a mesma casa,
caminhando sob o mesmo céu
e responsáveis, juntos,
pelo mundo que deixaremos.**

Viva o Brasil!

E viva o dia
em que a independência de cada povo
não significará afastamento,



mas liberdade para que todas as nações,
de mãos dadas,

construam a Paz.

Mensageiro Luz